

SEXO, GÊNERO, LINGUAGEM E PODER: UMA POSSÍVEL ANÁLISE DA PESQUISA “CHEGA DE FIU FIU”

GABRIELA SIMÕES PEREIRA¹; ELISA GIROTTI CELMER²

¹Universidade Federal do Rio Grande – gabrielasimoespereira@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – elisacelmer@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Chega de fiu fiu” é uma campanha idealizada pelo *blog Think Olga* contra as cantadas e a prática de contatos físicos indesejados protagonizados pelos homens em relação às mulheres em espaços públicos. Uma frente da campanha foi a elaboração de uma pesquisa quantitativa, pensada pela jornalista Karin Hueck, abrangendo perguntas fechadas disponibilizadas no ambiente virtual da *Olga*, entre o início de agosto até o início de setembro do ano de 2013, à qual contou com a participação de 7762 usuárias. Em 9 de setembro, seu resultado foi anunciado, sendo que 99,6% das participantes afirmaram que já sofreram algum tipo de cantada ou foram tocadas contra as suas vontades em espaços públicos e mais de 83% das mulheres responderam que se sentiram ofendidas por essas condutas.

É tão comum que uma mulher ouça cantadas ou vivencie situações de constrangimento sexual que o assunto não é discutido, como se sua prática fosse um fato da existência ser mulher. A invisibilidade do problema é tal que nem ao menos há um termo apropriado para nomeá-lo. A *Olga* costuma trabalhar com as expressões *violência contra a mulher* e *assédio sexual*¹, às quais, em si mesmas, já são um problema. As definições da palavra violência “(...) agregam significados etimológicos relacionados à força, à transgressão, algo que perturba a ordem, que excede ou ultrapassa e que revela descontrole.” (RUIZ e MARTTIOLI, 2004 *apud* FREITAS e PINHEIRO, 2013, p. 23). Certo é que as distintas definições de violência perpassam pela reconhecimento de que toda ação ou omissão geradora de violência implica na imposição dolorosa de poder. Apesar da ausência de um termo específico para tratar o tema, a prática da cantada é uma espécie de violência que, na maioria das vezes, mas não constitutivamente, é praticada contra a mulher.

Amparada no contexto da naturalização da prática violenta das cantadas e, por consequência, da acriticidade e invisibilidade por ela provocada, visando ao desvelamento dos discursos violentos, esta pesquisa se propõe a analisar os resultados da campanha “Chega de fiu fiu” e coteja-los com a literatura teórica sobre gênero, linguagem e poder, fundamentalmente por meio de um diálogo entre as concepções de Judith Butler (2010) e Foucault (2011). A partir de uma análise prévia, algumas hipóteses sobre o uso e perpetuação da prática das cantadas foram levantadas: a) a influência nos valores sociais do que é “ser homem” do contexto brasileiro caracterizado por uma formação cultural e política centrada na atuação de grupos oligárquicos constituídos com base em famílias patriarcais; b) a situação histórica de sujeição e opressão econômica, psicológica, moral da mulher; c) a afirmação da virilidade culturalmente esperada do homem por meio do discurso.

¹ O assédio sexual, conduta tipificada no artigo 216-A do Código Penal, é o constrangimento com o objetivo de obter vantagem ou favorecimento sexual que exige como prerrogativa do agente – uma das elementares do tipo penal – uma posição de superioridade hierárquica ou de ascendência. Ou seja, as cantadas e contatos físicos indesejáveis em espaços públicos, uma vez que são praticadas por desconhecidos, não são abarcadas pela termo *assédio sexual*.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos abarcados são: primeiramente, exame e tomada de conhecimento da campanha desenvolvida pelo blog *Thik Olga*, perpassando pela análise do questionário da campanha “Chega de fiu fiu” e por buscas *online* da atuação e repercussão da campanha em ambientes virtuais; em segundo lugar, leitura e compilação das informações pertinentes ao tema contidas nas fontes bibliográficas que embasam a pesquisa; e, por fim, análise e rediscussão dos resultados da campanha “Chega de fiu fiu”, assim como do questionário da pesquisa do blog, com base na apreciação comparada aos elementos de convicção colhidos da literatura teórica, visando a extrair das fontes bibliográficas a ressignificação dos resultados atingidos pela campanha “Chega de fiu fiu”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O dado mais exorbitante colhido pela pesquisa “Chega de fiu fiu” foi que 99,6% das mulheres afirmaram já terem sido alvo de cantada. Dentre o *quórum* total, respondendo ao enunciado “você acha que ouvir cantada é legal?”, 83% disseram que não. Em primeira análise, os números da pesquisa evidenciam a reprovação feminina quanto à prática das cantadas. A expressão *Fiu fiu* é metonímia de uma gama de violência contra a mulher, abarcado a agressão física, o assédio sexual e o assédio moral. É indiscutível que a campanha possui seus méritos, principalmente porque é uma das poucas ações – senão a única – que atualmente enfrenta o problema sociocultural das cantadas, promovendo o debate e visibilizando que essa prática é, sim, uma espécie de violência cometida, na grande maioria das vezes, por um homem em desfavor de uma mulher.

As mulheres experimentam a discriminação linguística de duas formas: na maneira que são ensinadas a usar a linguagem e no modo como o uso geral da linguagem as trata. Ambas são relações de poder de *estado de dominação*, em termos foucaultianos (2011), e relegam a mulher as funções subservientes: àquelas de objeto sexual ou serviçal. É necessária uma análise adequada para fomentar a compressão de que as palavras têm poder de serem não somente repressivas, mas constitutivas. O poder constitutivo das palavras aparece nos próprios preconceitos tornados invisíveis pelo hábito do uso.

Inqueridas sobre quais cantadas já foram proferidas em espaços públicos – era possível indicar mais de uma opção –, as usuárias apontaram *Linda* (84%), *Gostosa* (83%), *Delícia* (78%), *Fiu Fiu* (73%), *Princesa* (71%), *Nossa Senhora* (64%) e *Ô lá em casa* (64%), *Boneca* (47%), *Vem cá, vem* (44%), *Te pegava toda* (36%), *Te chupava toda* (36%) e *Outros* (4%). Algumas expressões enunciadas como cantadas revelam claramente a objetificação do corpo da mulher por meio do discurso: trata-se a mulher como objeto, sexual ou outro, não como uma pessoa individualizada. É o caso do usos dos termos *Boneca* e *Princesa*. A *Boneca* infere a comparação do feminino com um brinquedo, um objeto imóvel, sem voz, sem vez e sem vontade, que é feito para ser manipulado por outrem. *Princesa* pode ser considerado um modelo arquetípico de comportamento feminino socialmente adequado: a docilidade, o recato, a fala e os atos comedidos.

68% das mulheres pronunciaram que foram xingadas quando disseram não às cantadas e, novamente, podendo escolher mais de um adjetivo, 45% foram chamadas de metidas, 25% de malcomidas, 23% de feias, 17% de outros adjetivos, 16% de barangas e 13% de gordas. Os xingamentos dirigidos às mulheres que contestaram as cantadas são, em sua maioria, orientados à depreciação das características corporais da mulher, apontando-as como impróprias ao modelo de

beleza culturalmente adequado. As mulheres passam a ser *feias*, *barangas* e *gordas* porque se insurgem contra a violência verbal.

Depara-se aqui com a constatação de que o poder, no discurso, exerce-se dinamicamente: enquanto a mulher foi objeto dominado pela fala masculina, tornou-se inferior discursivamente no momento da violência da cantada. Ao se insubordinar, mediante o xingamento, a mulher passa a exercer o poder, o qual, após, o homem revida em busca de retornar a exercê-lo, chamando-a de *feia*, *baranga* ou *gorda*. O poder é exercido a partir de inúmeros pontos, como numa ciranda, não é algo adquirido ou tomado por um dos emissores. Assinala-se, igualmente que onde há poder, há resistência que nunca ocupa uma posição de exterioridade em relação ao poder.

Considerável quantidade de mulheres que redarguíram as cantadas (25% delas) foram nomeadas como *malcomidas*. É inegável que a referência ao ato sexual – a atribuição de que responder negativamente ao desejo violento do homem é expressão da frigidez feminina – guarda estreiteza com a necessidade de o homem afirmar sua virilidade. A representação do homem, em nossa cultura, é constantemente atribuída à representação da virilidade. A virilidade laboral é espelhada na virilidade sexual, sendo usual na linguagem a utilização de metáforas laborais para fazer referência à potência sexual – p. ex., o desempenho e a performance.

Segundo Judith Butler, o gênero é performativo, um constituinte da identidade que ele pretende ser. Não se é do gênero feminino ou masculino, pois gênero não se possui; gênero é o efeito das coisas que se faz. É um ato intencional, uma gesto performativo que produz significado. “Gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de uma estrutura rígida e reguladora que se consolida, com o passar do tempo, produzindo o que se aparenta ser substância subsidiária, uma espécie ‘natural’ de ser” (BUTLER, 2010, p. 33). Sustenta-se que o ato da cantada é um trabalho performativo de gênero, um desempenho de sustentação de masculinidade e de sua virilidade.

A partir do mesmo embasamento, outro exemplo de performatividade de gênero visando à solidificação e da virilidade do homem por meio discursivo é a escolha das expressões *Te pegava toda* e *Te chupava toda* para ampararem as cantadas. *Te pegar* e *Te chupar* são descrições de atitudes totalizados frente ao corpo feminino: o masculino que age sobre o corpo feminino, o qual apenas recebe. O homem *pega* e *chupa*. A mulher é *pegada* e é *chupada*, em evidente desequilíbrio e submissão corporal.

Apesar do reconhecimento concedido à campanha, sobram espaços para a crítica – que se espera produtiva. De início, a carência de explicação metodológica, bem como de articulação teórica e de reflexão sobre os resultados coletados não anula a pesquisa; todavia, faz questionar sobre a apreciação rasa do tema por aqueles que formularam a campanha. Contudo, o que mais desassossega na Campanha “Chega de fiu fiu” é que ela não se inscreve como discurso político e não almeja ação política. E, acima de tudo, apenas constata a posição de vitimização da mulher, revitimizando-a, sem intentar ações de empoderamento feminino. A campanha apenas oferece o **não** como resolução do problema das cantadas.

Não obstante a histórica posição feminina de submissão social, política, econômica e moral ao homem, é o homem que a pesquisa olha, é sobre o homem e suas ações que ela fala. À mulher cabe o desejo negativado de não-olhar, não-ouvir, não-saber. A forma para reverter o *habitus* deve ir além da denúncia, deve trazer à luz a mulher invisibilizada, promovendo seu reconhecimento como sujeito social que age – e luta – sobre o mundo.

4. CONCLUSÕES

As relações de poder que permeiam as interações de gênero não são estáticas, também não podem ser reduzidas ao binômio dominador e dominado, pois o poder não se possui, ele se exerce de forma difusa e variável. O poder aloca-se em micro lugares e se exerce capilarmente. Pensar as relações entre mulheres e homens a partir do paradigma da dominação masculina não faz mais sentido quando se reconhece a complexidade do real. As identidades de gênero igualmente são instáveis, variáveis porque histórica, social e discursivamente construídas, sendo que as pessoas não possuem gênero em sentido apriorístico. Os sujeitos desempenham gêneros em configurações e realidades sociais diferentes. Portanto, características específicas integrantes do feminino e do masculino são inexistentes antes da performance.

As cantadas podem ser considerados como sintomas da cultura e, por isso, são reveladores dos valores atinentes às relações de gênero. Ao cantar a mulher, o homem constitui, repete e reafirma valores tradicionais socialmente esperados. A cantada é um trabalho performativo de gênero, um desempenho de sustentação de masculinidade e de da virilidade. Não se possui o gênero masculino porque se nasceu homem, é necessário afirmar, por meio da performance, uma conduta viril considerada como dominante e, além disso, falar, agir, demonstrar que se é.

O contexto brasileiro, caracterizado por uma formação cultural e política centrada na atuação de grupos oligárquicos e constituídos com base em famílias patriarcais, é determinante para posição de submissão da mulher e de desvalorização do feminino, situação que pode ser percebida no androcentrismo da linguagem. Apesar do campo social ser estruturado historicamente para promover dinâmicas de poder assujeitadoras, é possível atuar com a finalidade de efetuar mudanças: permitir estratégias para alterar as relações de poder. O poder é relação e exercício; sendo relação, abre sempre a possibilidade de um contra-exercício, de resistência. Embora não possa haver libertação total da dinâmica de poder, pode haver emancipações particulares de estados de dominação (FOUCAULT, 2011).

Portando, defende-se que não é mediante a vitimização da mulher que a dinâmica de poder pode ser revertida. Performativamente, homens e mulheres podem resistir ou subverter os códigos de gênero predominantes. É o imperativo “seja homem” que precisa ser desconstruído em toda sua extensão e impertinência. A mulher precisa ser tornada sujeito, um ser portador de sua subjetividade e, somente mediante seu empoderamento e ação política, à qual pressupõe o diálogo entre iguais, e não a coação de uma política vociferada, se pode resistir à posição historicamente destinada à mulher.

5. REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CAMPANHA ‘CHEGA DE FIU FIU’. Disponível em: <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>. Acesso: 10 de setembro de 2013, às 22h10min.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 21ª reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FREITAS, Lúcia; PINHEIRO, Veralúcia. **Violência de gênero, linguagem e direito: análise de discurso críticas em processos na Lei Maria da Penha**. Jundiá: Paco, 2013.